

ENTREVISTA

5/7/74



S/A CORREIO BRAZILIENSE

CORREIO BRAZILIENSE

TV BRASÍLIA

Moraes  
Emigração

ENQUETTE

1 - Como encara a revolução de 25 de Abril e quais as perspectivas que se abrem para Portugal?

=====

2 - A descolonização é um imperativo histórico. Qual, a seu ver, a solução para o problema?

=====

3 - Quais as suas ligações com os escritores africanos da area de influencia portuguesa? Como vêm eles o fim dos laços coloniais? Em que isso afetará o futuro do nosso idioma, do ponto de vista literario?

=====

4 - Qual a sua posição no Portugal de hoje?

=====

5 - Acredita que a embriaguês da liberdade pode levar - como está levando - a excessos e, consequentemente, à repressão e ao retrocesso, como ocorreu na Espanha dos anos 30/40? Nesse caso, qual a atitude a tomar?

=====

6 - Lições de liberdade são necessarias, ou cada um traz dentro de si a semente que nada nem ninguém pode deter em sua germinação?

=====

7 - V. acha que a literatura portuguesa contemporanea ficou velha, de repente, após o 25 de Abril? Se isso ocorreu, qual a posição do escritor portugues, a partir de agora, quando pode usar de sua plenitude criadora, sem barreiras e sem tabus?

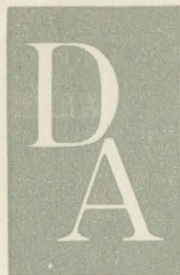
=====

8 - Até onde o escritor português de hoje deve engajar-se à nova realidade para recuperar os anos perdidos? E quais os caminhos a percorrer?

=====

S Q N 410  
bloco M apart. 214  
Brasília DF  
Bount

Estamos  
anunciando  
a festa



# S/A CORREIO BRAZILIENSE

CORREIO BRAZILIENSE

TV BRASÍLIA

02

9 - Existem centenas de livros que foram publicados e recolhidos pela censura em Portugal. Ou simplesmente não foram publicados. Existem também livros que foram barbaramente mutilados em sua linguagem (no caso de traduções). O 25 de Abril provocará uma explosão literaria em Portugal, com o aparecimento de antigos clandestinos com os horizontes abertos? Quais as novas tendencias do romance portugues contemporaneo?

=====

10 - Até quando se vive, hoje - e se viverá no futuro -, em Portugal, em liberdade conquistada ou liberdade consentida? Peço-lhe o favor de notar a diferença e corrigir-me se estou enganado ao propor as duas expressões.

=====

Pericles Leal  
Londres, 05/07/74

1.

O "25 de Abril", ao abater o fascismo, não trazia qualquer vinculação específica com os partidos da Oposição. Contava com a imediata adesão do Povo logo que desencadeasse o ataque ao Poder e foi essa viva e esmagadora resposta popular que encheu de pavor o bando de Caetano e o fez levantar os braços tão cedo. Não tivemos portanto no 25 de Abril o "dia longo" das revoluções sangrentas que se disputam bairro a bairro, tiro a tiro, com formações de brigadas civis, guerrilhas, saques, tudo isso, e com as inevitáveis divergências partidárias que se fermentam no curso de uma batalha demorada. Tivemos, sim, uma arrancada de unidade que vinha da experiência de resistência comum, desenvolvida na paz negra do fascismo.

Sáimos então da noite para o dia, de braços abertos e fizemos da nossa operação de libertação uma festa na rua. Acordámos, e toda a nossa paisagem social se transformava já - todo o nosso quotidiano, quero eu dizer. A nossa maneira de olhar e de agir, a voz e o convívio, o próprio gosto de nos descobrirmos entre estranhos, nós que eramos tão retraídos, tão isolados. Riscaram-se as paredes com "slogans" e com imaginações, abrimo-nos à discussão pública, ao comício, vieram greves, experiências de democracia. Era como se subitamente nos divessemos tornado adultos e estivessemos a praticar lições que cada qual sabia inconscientemente e guardava dentro de si e que agora eram corrigidas a todo o instante para não nos perdermos.

Salazar e Caetano cansaram-se de "lamentar" a nossa incapacidade congénita de vivermos em democracia. Acenavam-nos com o fantasma do terror nas ruas, com a miséria e a destruição dos altares. E agora que viemos à rua e ocupámos o nosso país, assombramo-nos com a maturidade de que afinal estávamos dotados.

Esta abertura, esta descompressão, manifesta-se já em todos os sectores internos do país: na praxis política, na alegria de viver, no novo perfil da cidadania, descomplexado e activo. Temos porém apenas três meses de experiência, somos a mais jovem democracia do Mundo. E herdámos uma bancarrota económica descaradamente enfei-

.../...

tada com subterfúgios e negociatas internacionais, recebemos como saldo de 50 anos de paternalismo três guerras coloniais que nos absorvem 47% do orçamento nacional, 3 000 pides (policia política), 80 000 informadores (dados oficiais), 2 milhões de emigrantes económicos, culturais e políticos.

No plano internacional deixámos de estar "orgulhosamente só", como proclamava Salazar. Ainda mal nascemos e já nos encontramos no convívio das nações actualizadas. Esta circunstância permitiu-nos regressar à UNESCO, ao intercâmbio a todos os níveis com os países desenvolvidos e disfrutar apoios de fomento social, financeiro e educativo.

2.

#### A independência total.

Aqui não esquecemos que o processo de descolonização tem métodos diferentes em cada um dos três países africanos e que há problemas de desocupação económica e militar que afectam não só o equilíbrio desses territórios como o de nossa estabilidade interior. Teremos que agir em franca colaboração com os movimentos libertadores e não em termos de "abandonar o caos" que ali criámos. Quanto a mim, esse é o encargo suplementar que ainda nos cabe no <sup>rescaldo</sup> ~~saldo~~ da aventura salazarista. Só desse modo poderemos contribuir para que as novas nações se não vejam desde logo minadas por dissidências étnicas ou tribais e possam resistir aos oportunismos das formas de colonização evoluídas que as espreitam.

A reestruturação administrativa e o fomento agrícola e industrial ao nível da pequena e média empresa são as áreas mais importantes onde a experiência portuguesa pode ser mais útil aos africanos. Além do denominador cultural, bem entendido.

3.

Ao contrário do que se possa pensar, os escritores portugueses só excepcionalmente dispunham de contactos actualizados com

.../...

a literatura produzida nas colónias. Havia alguns especialistas, raros - e principalmente letrados do Regime instalados à sombra do Ministério do Ultramar e da Fundação Gulbenkian, que fabricavam uma paisagem oficial da cultura africana. No resto, pouca coisa e difícil de se exprimir.

Estávamos em guerra, é bom não esquecer. Antes, esses países eram regiões colonizadas onde a "voz exótica" chegava a Portugal ainda muito sob o interesse paternalista da cultura folclórica ou etnográfica. Depois tornaram-se zonas inimigas: suspeito qualquer contacto entre ambas as partes. As segregações intelectuais e a vigilância policial mostraram-se ferozmente activas em particular no Ultramar onde os livros saídos de Lisboa eram submetidos a várias censuras locais, inclusive a militar.

Tudo isto correspondia a uma forma aguda de um alheamento cultural que vinha de longe. Se pusermos de lado os cronistas da Conquista e da Colonização, percebemos como é escandalosamente pobre a literatura de língua portuguesa sobre África ou de inspiração africana. Um romancista apenas até aos anos 50: Castro Soromenho. Mais recentemente alguns poetas de qualidade (contam-se pelos dedos) em Angola e em Moçambique: Rui Knopfi e António Quadros, entre os melhores. Depois Luandino Vieira, prosador branco que valorizou a língua portuguesa com algumas sintaxes e arranjos vocabulares, radicados nas experiências linguísticas dos musseques de Luanda.

Quanto ao futuro, estou mais que certo de que se anunciam perspectivas de grande amplitude na vida cultural dos nossos países. Quer a Frelimo (Moçambique), quer o MPLA (Angola), quer o PAIGC (Guiné) defendem desde há muito e publicamente a permanência da língua portuguesa nos quadros do ensino. Os seus líderes são em grande parte homens de formação universitária que estudaram aqui, em Lisboa ou em Coimbra. Alguns (caso do PAIGC) são naturais de Cabo Verde, arquipélago de alto nível cultural, especialmente no sector literário com ligações íntimas com Portugal. Agostinho Neto, responsável do exercito de libertação angolano é, ele mesmo, poeta com obra original em português, e o meu amigo Pinto de Andrade, outro chefe do mesmo movimento, fez os seus estudos em Lisboa e, como tantos outros,

participou da nossa Resistência ao fascismo.

De resto, do ensino básico que os guerrilheiros guineenses e angolanos promoviam nos territórios ocupados, fazem parte livros escolares onde figuram trechos de autores portugueses contemporâneos.

4.

A mesma posição que sempre assumi: viver o meu país em verdade. Estar comprometido nele como cidadão e como escritor.

5.

Excessos? Quais excessos? Quantas pilhagens, mortes ou represálias foram cometidas até agora por populares ou partidários da democracia de qualquer partido? Nem uma só. E quem matou depois do 25 de Abril? A PIDE, que minutos antes de se render ainda lançou rajadas de fogo sobre a multidão que a cercava. Quem queima as searas do Alentejo? Os lavradores, não os camponeses que os servem. E quem pratica diariamente agressões ideológicas? Os fascistas de ontem que se passeiam impunemente na vida pública.

Claro, estamos a aprender democracia, a democracia é uma atitude de constante correcção. Procuramos estabilizá-la nos seus dois sectores de base, o económico e o ideológico e deste último fazem parte a politização geral do país e o saneamento político. Mas também aqui, no saneamento, a tolerância foi (perigosamente) o princípio. É que estamos traumatizados pela experiência repressiva que sofremos e recusamo-nos por escrúpulo natural, a identificarmos-nos com os seus métodos.

Isto, sim, pode levar, tem estado a levar, a erros. Não a erros por excesso mas a erros por defeito. A maior parte dos responsáveis do fascismo continua em liberdade - e, naturalmente, prepara a contra-revolução. Dia a dia a vamos sentindo despertar mas nem por isso cedemos ao alarme e nos desviamos das linhas da liberdade. Uma forma de repressão, mesmo a mais legítima e a mais circunstancial nunca se sabe até que limites se prolonga e por quanto tem-

po se instala... Foi assim com as censuras ( que surgiram sempre a titulo provisório e, no nosso caso, ficou por 48 anos) e foi assim com outras medidas de segurança, decretadas sempre a titulo eventual...

Portanto, não são os excessos da democracia que aqui, Portugal, podem provocar como resposta, uma nova ditadura. É o fascismo derrotado que os está já a praticar, utilizando as leis da liberdade comum. É ele e só ele que se excede: que mobiliza os padres das aldeias do nordeste contra as campanhas do analfabetismo, que queima searas, que organiza a rebelião dos pides presos na Penitenciária de Lisboa, que envia agentes aos bairros de emigrantes de Paris desencorajando-os de remeter dinheiro para Portugal, que tentou o golpe das direitas do chefe do 1º Governo Provisório, Palma Carlos, que em Africa, pela mão do financeiro Jorge Jardim, cria guerrilhas de mercenários, que prepara (vide a recente Pastoral dos Bispos) um clima de Igreja contra o Estado.

Contra isto, sabemos-lo bem, só uma prática democrática das instituições pode servir de protecção. Hoje, mais do que nunca, mergulhamos como aviso, nas lições do passado recente. A Espanha da guerra franquista... Os anos atraídoados da nossa Primeira Republica ... O Chile... ( Sim, lemos o Chile, o Chile não nos sai da memória). Mas esse é o nosso grande risco, ou não fosse a Democracia a forma mais difícil de governar - a mais bela por isso mesmo.

6.

A liberdade é para mim, mais do que um instinto natural, uma relação de forças entre o individuo e o meio. Há, pois, experiência, lições de liberdade que permitem tornar mais rápida e mais fecunda a sua germinação.

7.

Não sei, ainda não tive tempo (nem gosto) de repensar a literatura portuguesa que fizemos até aqui. Acho que as urgências e a temperatura política do momento não permitem por enquanto aquela es-

tabilidade de relações com o meio indispensável à criação literária.

8.

Por certo que todos nós estamos criando, mesmo inconscientemente, uma nova atitude perante o país. Uma nova relação de responsabilidade e de empenhamento individual e colectivo. Isso modificará nalguma medida a nossa expressão mais íntima, penso eu. E sem censuras, também a nossa maneira exterior se modificará com o tempo. Por outro lado, a abertura dos mass media e o convívio cultural em áreas até aqui interditas - no campo, na fábrica, na escola - levarão forçosamente à criação de novos contextos literários mais directamente relacionados com o espectáculo, a festa cultural, o meeting político, as campanhas escolares, etc.